

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE ARTES DA UNESP - SÃO PAULO/SP

CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

NICOLE HINA KIM

"PRÁTICAS ARTÍSTICAS PARA CRIANÇAS MIGRANTES"

São Paulo
2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE ARTES DA UNESP - SÃO PAULO/SP

CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

NICOLE HINA KIM

"PRÁTICAS ARTÍSTICAS PARA CRIANÇAS MIGRANTES"

Trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, apresentado ao Instituto de Artes da UNESP, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho

São Paulo
2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

K49p Kim, Nicole Hina, 1996-

Práticas artísticas para crianças migrantes / Nicole Hina Kim. --
São Paulo, 2023.
47 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rejane Galvão Coutinho.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de
Artes.

1. Arte - Estudo e ensino. 2. Migração - Crianças. 3. Arte e
sociedade. 4. Arte na educação. I. Coutinho, Rejane Galvão. II.
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707.1

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

NICOLE HINA KIM

"PRÁTICAS ARTÍSTICAS PARA CRIANÇAS MIGRANTES"

Trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, apresentado ao Instituto de Artes da UNESP, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho

Aprovada em 23 de novembro de 2023

Banca Examinadora

Dr^a Prof^a Rejane Galvão Coutinho

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Dr^a Prof^a Rosangela da Silva Leote

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Dedico este trabalho à minha família, aos migrantes, aos colegas que também investigam o tema aqui desenvolvido e à minha querida avó.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho de pesquisa representa não apenas o término de uma etapa acadêmica, mas também a concretização de uma jornada enriquecedora, permeada por aprendizados, desafios e, sobretudo, por valiosas contribuições de pessoas que foram fundamentais para este percurso.

Agradeço à Dra. Profa. Rejane Galvão Coutinho, minha orientadora, pela orientação sensível neste trabalho e por enxergar a potencialidade de impacto da minha produção artística e da minha narrativa nesta pesquisa.

À Dra. Profa. Rosangela Leote, minha mentora, amiga e querida professora cujo a excelência no ensino e no comprometimento com os alunos garantiram que eu estivesse concluindo esse curso com êxito.

À Tania Sayri, pela generosidade em compartilhar sua experiência e conhecimentos que enriqueceram significativamente esta pesquisa.

À Prof. Thais Mamprin, que permitiu o acompanhamento das aulas de artes e se disponibilizou para me auxiliar em diversas dúvidas e direcionamentos.

À Escola Espaço de Bitita, pela receptividade e colaboração, possibilitando a realização da pesquisa de campo.

Além destes, agradeço também aos meus colegas e amigos, à minha mãe Cristina, o meu parceiro e companheiro Gabriel e à toda a minha família.

Este estudo é resultado de uma força pessoal e coletiva, que conta com o apoio de várias pessoas para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho investiga as práticas de ensino artístico para crianças migrantes, inspirado pela experiência pessoal da autora em sua infância junto à família. A narrativa destaca a interseção entre migração e arte educação, explorando dimensões como desafios linguísticos, assimilação cultural e a criação de ambientes inclusivos. Utilizando a A/R/Tografia como método, o estudo emprega relatos, uma pesquisa de campo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Espaço de Bitita e uma entrevista com a artista e educadora Tania Sayri para compreender não apenas as barreiras enfrentadas pelos alunos migrantes, mas também os desafios subjetivos desses jovens e as estratégias pedagógicas a serem pensadas.

Palavras-chave: migração; arte-educação; estudantes migrantes; A/r/tografia

ABSTRACT

This work investigates artistic teaching practices for migrant children, inspired by the author's personal experience in his childhood with his family. The narrative highlights the intersection between migration and art education, exploring dimensions such as linguistic challenges, cultural assimilation and the creation of inclusive environments. Using A/R/Tography as a method, the study employs reports, field research at EMEF Espaço de Bitita and an interview with artist and educator Tania Sayri to understand not only the barriers faced by migrant students, but also the subjective challenges of these young people and the pedagogical strategies to be considered.

Keywords: migration; art education; migrant students; A/r/tography

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 DEPOIS DA FRONTEIRA.....	12
2.1 MIGRAÇÃO.....	12
3 ARTE E EDUCAÇÃO.....	15
4 COLÔNIA.....	17
4.1 RELATOS PESSOAIS E PESQUISA DE CAMPO NO ESPAÇO DE BITITA....	17
4.2 ENTREVISTA COM TANIA SAYRI.....	24
5 DISSIPAR AS FRONTEIRAS.....	34
5.1 PRÁTICAS ARTÍSTICAS PARA CRIANÇAS MIGRANTES.....	34
5.2 RETALHOS E REMENDOS.....	40
6 CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

Quando eu era criança, vivia com meus avós, imigrantes coreanos que tinham um domínio limitado da língua portuguesa. A comunicação entre nós era desafiadora, dada a minha própria limitação no coreano. No entanto, foi por meio de gestos afetuosos que construímos uma relação de amor e respeito. Lembro dos momentos em que minha avó trazia pequenos retalhos de tecido da fábrica da nossa família para me ensinar a confeccionar pequenas bolsinhas e roupinhas para minhas bonecas. Passávamos horas juntas em silêncio, imersas na costura, enquanto ela ficava ao meu lado ensinando suas técnicas.

Essa experiência pessoal ressoa significativamente neste trabalho, que se dedica a analisar as práticas de ensino artístico para crianças migrantes, explorando as diversas dimensões, desafios, oportunidades e impactos envolvidos. Início este trabalho relatando a dinâmica contrária: eu, uma brasileira, sendo ensinada por uma pessoa migrante. Foi através do fazer artístico manual que fortaleci a relação afetiva com minha avó, pois apesar das palavras serem secundárias, o conhecimento de uma herança cultural estava sendo transmitido e uma conexão foi estabelecida.

Esta pesquisa se propõe a explorar a interseção entre migração e arte educação, fazendo um recorte específico sobre crianças de famílias migrantes internacionais falantes de outras línguas, sendo elas nascidas no Brasil ou não, reconhecendo que a jornada de adaptação e aprendizagem dessa população é uma narrativa complexa e multifacetada. Levando em conta que a pessoa “migrante” é aquela que sai de sua terra independente de ser um estado, um país ou uma região para morar em outro lugar, e o “imigrante” é o termo específico para se referir a uma pessoa que sai de um país para morar em outro, é necessário esclarecer que este texto irá tratar dessa população através do termo “migrante”. Ao longo dos capítulos, abordaremos as diversas dimensões desse processo, desde os desafios iniciais de linguagem e

assimilação cultural até a criação de ambientes educacionais inclusivos e acolhedores.

Este trabalho se utiliza da A/R/Tografia, uma abreviação para Arte, Pesquisa e Ensino, busca integrar essas três dimensões, reconhecendo que a produção artística, a pesquisa acadêmica e as práticas de ensino não precisam ser categorias separadas. Essa abordagem não apenas permite a produção de uma obra artística parte da pesquisa desenvolvida, mas também reconhece a importância da subjetividade na pesquisa em arte.

Além disso, o texto se utiliza de relatos, uma pesquisa de campo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Espaço de Bitita e uma entrevista com a artista e educadora Tania Sayri para possibilitar uma conclusão baseada em diferentes perspectivas e aproximações. Ao fazer isso, busco não apenas compreender as barreiras que os alunos enfrentam, mas também destacar um conhecimento prévio e rico de diferentes culturas que beneficiam alunos migrantes e nativos.

É necessário tecer uma rede de conhecimento e práticas que possam inspirar ações educativas para educadores, formuladores de políticas públicas e todos aqueles interessados em promover uma educação verdadeiramente inclusiva. Será abordado não apenas as estratégias pedagógicas, mas também a importância do acolhimento e do reconhecimento desses estudantes migrantes. Além disso, exploraremos o papel fundamental da educação artística como um possibilitador de expressão da identidade e integração.

Ao compreender e valorizar as experiências e as ancestralidades trazidas pelos alunos migrantes, podemos não apenas enriquecer o ambiente educacional, mas também contribuir para a construção de uma sociedade mais equitativa e multicultural. É através da interligação entre os elementos da pesquisa, entendendo o contexto de cada criança, que será possível criar um remendo que resista ao peso dessas questões sociais e identitárias.

2 DEPOIS DA FRONTEIRA

2.1 MIGRAÇÃO

A migração é um fenômeno global e histórico que muda a dinâmica de territórios, pessoas, relações e culturas. Devido a fatores como busca por melhores condições de vida, conflitos políticos, desastres naturais e instabilidade econômica, milhões de pessoas em todo o mundo se deslocam em busca de novas oportunidades e segurança. No contexto brasileiro, esse fenômeno é notável e influencia a estrutura do país.

Segundo dados do IBGE (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2011), o Brasil experimentou um aumento significativo na população migrante nas últimas décadas. De migrantes em busca de oportunidades de trabalho a refugiados em fuga de conflitos, o país é um ponto de chegada para indivíduos e famílias em busca de uma nova realidade.

A inserção de crianças provenientes de famílias migrantes no sistema educacional é um desafio complexo. Esses jovens enfrentam uma série de fronteiras após a fronteira física, desde a adaptação a um novo idioma até o contato com uma cultura distinta e soberana no novo país. A presença de crianças de famílias migrantes nas escolas deve ter implicações profundas para o sistema educacional como um todo. Educadores devem se ver diante da necessidade de desenvolver estratégias pedagógicas que contemplem a diversidade cultural desses estudantes e abra possibilidades de conexão com outros alunos nativos e educadores. A criação de roteiros de aula, planejamentos, atividades e a promoção de ambientes inclusivos são fundamentais para garantir uma aprendizagem eficaz, sem necessidade dos alunos abrirem mão de um repertório cultural prévio.

Em muitos casos, experiências traumáticas ligadas à migração também podem influenciar seu processo de aprendizagem. A adaptação a um novo contexto, a separação de familiares e a vivência de experiências traumáticas, como a fuga de conflitos, são alguns pontos que afetam o bem-estar emocional, o desempenho escolar e a saúde mental desses jovens. Portanto, compreender e atender às

necessidades educacionais dessas crianças torna-se crucial para promover uma educação equitativa e de qualidade. É essencial criar um espaço de acolhimento que esteja preparado para oferecer um meio de expressão seguro e que promova o desenvolvimento integral dos estudantes.

No Brasil, foram escassas as iniciativas e legislações para a integralização de migrantes no sistema de ensino público, principalmente no quesito que se refere ao ensino de português independente da idade e da formação do estudante. Como a professora titular da Faculdade de Educação da UFMG, Dalila Andrade Oliveira aponta,

As redes de ensino ainda oferecem poucas orientações de caráter pedagógico ou relacionadas ao recebimento dos imigrantes aos profissionais das escolas. A barreira da língua é considerada a primeira grande dificuldade, ainda mais, se considerar que o Brasil é o único país que fala português na América. A legislação determina que estrangeiros têm direito ao acesso à educação da mesma forma que as crianças e os adolescentes brasileiros, conforme expresso pela Constituição Federal (artigos 5º e 6º), pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (artigos 53º ao 55º), pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (artigos 2º e 3º) e pela Lei da Migração (artigos 3º e 4º). A Lei dos Refugiados (Lei nº 9.474/1997) garante, ainda, que a falta de documentos não pode impedir o acesso ao ensino (Oliveira, 2020).

Em 2021, a Secretaria Municipal da Educação de São Paulo lançou o caderno “Currículo da Cidade: Povos Migrantes: orientações pedagógicas”, criado com base nas experiências e práticas dos profissionais de educação nos últimos anos, trazendo abordagens didáticas relacionadas ao tema da imigração. Esta publicação é de grande importância no reconhecimento do significativo fenômeno migratório de outros países para a cidade de São Paulo e na formação dos agentes educacionais em espaços escolares.

Por mais que iniciativas e legislações implementadas de nível municipal a nacional tenham feito diferença na realidade desses estudantes, é necessário ter em mente que ainda existe uma demanda grande por políticas que alterem os ambientes educacionais, visando escolas mais inclusivas e sensíveis à diversidade

cultural e linguística dos estudantes migrantes. É fundamental evidenciar que a educação dessas crianças depende de um olhar crítico e atencioso sobre cada caso, sobretudo equitativo.

3 ARTE E EDUCAÇÃO

A educação artística é uma ferramenta essencial no processo de desenvolvimento integral dessas crianças. Por meio das práticas artísticas, os estudantes têm a oportunidade de explorar sua criatividade, aprimorar a capacidade de comunicação e desenvolver habilidades cognitivas, sensoriais, motoras e emocionais.

A arte estimula não somente o campo prático mas o subjetivo, no aprendizado de todas as crianças. No caso da população migrante, a representação e a elaboração de elementos de um contexto social e cultural prévios, promove o fortalecimento da autoestima e a construção de sua identidade. Essa prática é fundamental na educação de crianças migrantes que se encontram em um país estrangeiro de culturas, línguas e fenótipos diferentes de sua terra natal, pois oferece um ambiente propício para a valorização da diversidade cultural e social, de forma que permite elas se sentirem acolhidas, valorizadas e parte integrante da comunidade.

Entretanto, é preciso ter em mente que a escola pode tanto ser um espaço de acolhimento valioso para esses estudantes, quanto um espaço de opressão que impõe culturas soberanas diante daquelas que foram cultivadas em outro território. Portanto, é necessário pensar em uma ação educativa que não vise substituir a cultura e o saber do outro, e sim, complementar e somar. Paulo Freire observou sobre como a cultura do opressor acaba virando objeto de desejo do oprimido. Na *Pedagogia do Oprimido*, ele escreve sobre o estrangeiro como figura opressora e o nativo como figura oprimida, porém também é possível o estrangeiro estar na posição vulnerável dessa situação em alguns casos. Portanto, para uso desse texto no tema desta pesquisa específica, é interessante considerarmos uma adaptação mental na seguinte citação, trocando os termos “invasores” por “opressores” e “invadidos” por “oprimidos”, dessa forma é possível entender que esse fenômeno é algo que ocorre em diversos tipos de relações, não somente a que Freire descreve. Ele diz:

Na medida que os invadidos vão reconhecendo-se 'inferiores' necessariamente irão reconhecendo a 'superioridade' dos invasores. Os valores destes passam a ser a pauta dos invadidos. Quanto mais se acentua a invasão, alienando o ser da cultura e o ser dos invadidos, mais estes quererão parecer com aqueles: andar como aqueles, vestir à sua maneira, falar a seu modo. (Freire, 2005, p.175).

Pensando em uma relação com autonomia e igualdade entre migrantes e nativos, o processo criativo é um meio valioso de desenvolver habilidades de comunicação. Através do fazer artístico, os estudantes aprendem a expressar emoções e ideias de modo não-verbal, ampliando suas formas de se relacionar com o mundo novo. Essa capacidade de comunicação é transferível para outras áreas do conhecimento e se torna uma alternativa crucial na rotina da pessoa migrante.

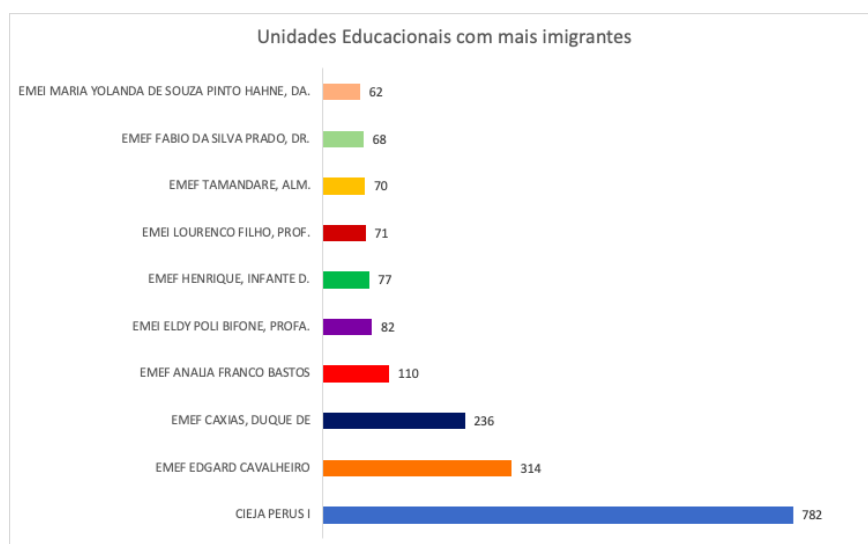
Ao promover a inclusão e a valorização da diversidade na educação artística, as escolas não apenas oferecem oportunidades de aprendizagem enriquecedoras para todos os estudantes, mas também contribuem para a formação de cidadãos preparados com autonomia para viver plenamente na sociedade. Esse é um passo fundamental na construção de uma sociedade plural e menos segregada.

4 COLÔNIA

4.1 RELATOS PESSOAIS E PESQUISA DE CAMPO NO ESPAÇO DE BITITA

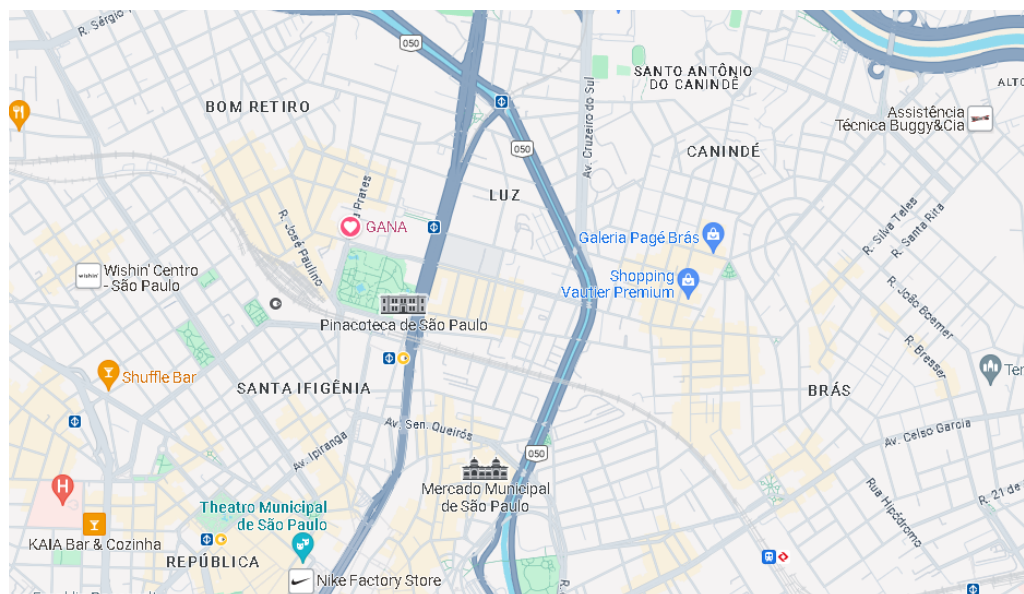
A pesquisa se dispôs a fazer um estudo de campo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Espaço de Bitita, localizada no Canindé, bairro da cidade de São Paulo, cujo nome foi recentemente alterado de um colonizador português, Infante Dom Henrique, para o apelido da escritora e compositora brasileira consagrada, Carolina Maria de Jesus. Seu currículo é trabalhado por meio de projetos interdisciplinares e a escola conta com um número significativo de matriculados migrantes ou de famílias migrantes, motivando a equipe educativa a criar práticas pedagógicas relevantes para estudantes deste perfil. A pesquisa foi desenvolvida entre os meses de maio e junho de 2023, estudando as práticas adotadas pela escola com as crianças de 5 a 13 anos no período da tarde, e observando os impactos dessas ações nos alunos.

Figura 1 - Gráfico contendo as unidades educacionais da cidade de São Paulo com maior quantidade de alunos imigrantes. A Escola Espaço de Bitita está em sexto lugar, sob o nome antigo “EMEF Infante Dom Henrique”



Fonte: Núcleo de Educação para as Relações Étnico – Raciais – NEER - site da prefeitura de SP, 2023.

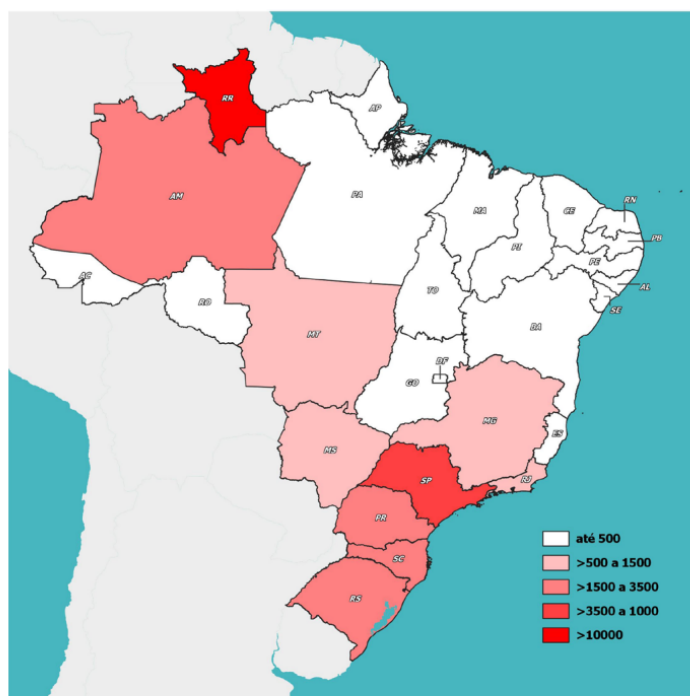
Figura 2 - Mapa da região central superior da cidade de São Paulo. O bairro do Canindé se encontra na parte superior direita do mapa.



Fonte: Google Maps, 2023

O bairro do Canindé, onde a escola se encontra, faz parte de uma região - conjunto dos bairros Luz, Brás, Bom Retiro, Canindé, Pari e Cangaíba - amplamente frequentada e ocupada por famílias migrantes, procurando moradia, trabalho, escola e lazer perto de núcleos de oportunidades para essas comunidades. Esta região, por contar com uma grande quantidade de fábricas e confecções com ofertas de trabalho para esse perfil, vira um local de interesse. O que resulta em um número significativo de migrantes estabelecidos nesta região de diferentes nacionalidades. Apenas na cidade de São Paulo, de acordo com os dados de 2019 da Organização Internacional para as Migrações, “361.201 estrangeiros vivem na cidade, o que representa cerca de 3% da população local. São bastante diversificadas as nacionalidades de origem, com destaque para os países latino-americanos, como Peru, Bolívia, Venezuela e Haiti” (OIM, 2019).

Figura 3 - Registro de residência de crianças e adolescentes imigrantes, segundo Unidade da Federação - Brasil, 2021



Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Sistema de Registro Nacional Migratório (SisMigra), 2021.

Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Sistema de Registro Nacional Migratório (SisMigra), 2021.

Levando em conta os dados levantados, podemos concluir que a cidade de São Paulo é um dos maiores polos migratórios do país, tendo como maior foco dessa população em centros urbanos repletos de comércio e oportunidades de trabalho. Refletindo sobre essa região amplamente frequentada ou ocupada por populações migrantes e tão comumente fora do cotidiano de pessoas nativas de São Paulo, senti a necessidade de explorar esse espaço através de derivas pelos bairros, atravessando avenidas, ruas, galerias, shoppings e praças, observando a vivência nessa região bastante reservada para o comércio e a indústria. Registrei fotos e vídeos dessas andanças, além da rota de minha casa até a escola no Canindé, onde editei e sintetizei em um vídeo (KIM, 2023), evidenciando os diferentes sons ambientes e cenários percorridos nos trajetos. O movimento é algo intrínseco ao migrante, que se transfere para outro território por diferentes razões e necessidades. A partir disso, entendo que o meu deslocamento até esses locais é uma ação que entra em diálogo com o movimento dessas populações.

É compreensível o porquê de pessoas migrantes almejem estar próximas de pessoas que vêm de uma mesma origem e cultura. Em um país cujas políticas públicas para essas populações são tão escassas, como comentado no capítulo anterior, é um ato de sobrevivência se juntar a outras pessoas com a mesma conjuntura de vulnerabilidades. Em uma situação onde não se sabe a língua nativa, barreiras invisíveis se erguem impedindo o acesso a direitos básicos. Ter alguém mais experiente ao seu lado ou que tenha melhor compreensão da língua, cria uma sensação de segurança e estabilidade, pois as suas bases sólidas, estabelecidas na terra natal, agora devem ser reconstruídas.

Lembro de quando eu morava com os meus avós, imigrantes coreanos, no bairro da Liberdade. Apesar de morar por quase 40 anos no Brasil, os dois tinham grande dificuldade com a língua portuguesa e um conhecimento superficial da cultura brasileira. Não somente pelo coreano e o português serem línguas bastante distintas, houve uma falta de acesso a qualquer prática educativa que auxiliasse no aprendizado deles, o que resultou em um distanciamento de relações afetivas fora da colônia coreana. Frequentar estabelecimentos coreanos e se relacionar com pessoas coreanas, fortalecia um senso de colônia em seus imaginários e tornava a realidade mais acolhedora e familiar. Além disso, dentro do pequeno apartamento onde os dois moravam, era possível ver que tudo era majoritariamente coreano: a comida, a língua, os jornais, os livros, os programas de TV, as músicas e as pessoas, como se fosse uma pequena Coreia, onde o sentimento de não-pertencimento era tranquilizado, em contraste as tentativas frustrantes de comunicação e conexão com pessoas do externo que eram difíceis, dolorosas e humilhantes. O não-partilhar de afetos cria mais uma fronteira entre o migrante e o nativo, o desconhecimento, e sintomaticamente, a desconfiança.

É necessário ter em mente que, nesse contexto, não basta uma pessoa adotar um território para ser sua casa, o território precisa adotá-la também. A artista e pesquisadora Inês Moura, em sua dissertação do Mestrado em Artes Visuais no Instituto de Artes da Unesp, usando como referência o antropólogo e etnólogo Marc Augé, escreveu:

Emigrante, imigrante, estrangeira, três palavras que me constroem e desconstroem, me sustentam e me confundem e que têm essa capacidade de falar do passado, do presente e do futuro, em simultâneo, pois reflectem o que sou, o que fui e o modo como essa condição, que jamais me abandonará, poderá vir a impregnar o meu futuro como pessoa e como artista. Nelas estão contidas as relações que possuo actualmente com o meu país, Portugal (o lugar de partida), e o lugar que me acolhe, São Paulo (o lugar de chegada), mas também anunciam um terceiro espaço, (que diz respeito ao estrangeiro), o do entre, da fronteira, da margem, que serão doravante o meu lugar, um lugar entre “cá e lá”, ou seja, um lugar sem lugar, um não-lugar (Augé:2005). (AUGÉ apud MOURA, 2013, P.22)

A dificuldade do acesso e do aprendizado são apenas algumas das questões a serem levantadas quando se fala dos desafios para a integralização da pessoa migrante. A xenofobia e, em muitos casos, o racismo, são pontos importantes, pois também impedem e desmotivam o indivíduo a querer cruzar as fronteiras culturais e linguísticas para se relacionar com o nativo. O Brasil carece de ações públicas que visam amparar essa população e protegê-la desse tipo de violência, muito por uma falta de reconhecimento do estado da situação difícil em que diversos migrantes vivem, e muito pelo processo de apagamento que essas pessoas têm sofrido historicamente. Como aponta a Profª Mônica Medeiros Kother Macedo, professora permanente no programa de pós-graduação em psicanálise da UFRGS:

A invisibilidade imposta ao refugiado e ao migrante dá, portanto, especial testemunho da crueldade presente em relações desiguais. Nelas o atendimento efetivo às demandas de cuidado e a atenção à singular condição do outro são inexistentes, logo, também se faz ausente qualquer disposição genuína a acolhê-las e, assim, reconhecer sua legitimidade (MACEDO, 2022, v. 4, p. 12).

É inerente da pessoa ser social, pois é através da relação com o outro que alguém é capaz de construir sua identidade individual. A Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire, professora na Universidade de Brasília, coloca que “A criança é social antes de se descobrir como indivíduo. E, a forma como desenvolve o senso de si e o manifesta, é cultural desde sua origem.” (FREIRE, 2008, p.2.). Portanto, para a criança, antes mesmo de se criar uma noção de individualidade na

infância, é perceptível a segregação dentro de um grupo. E é através da assimilação de pessoas em uma situação semelhante a ela que se cria um espaço seguro.

Durante a pesquisa de campo no Espaço de Bitita, é possível perceber que em diversas classes, desde as primeiras séries do fundamental, existe um fenômeno de agrupamento entre as crianças migrantes de nacionalidades próximas. Acompanhando a Professora de Arte, Thais Mamprin, nas atividades de arte da turma do 3ºC, percebi a existência de um grupo de amigas de nacionalidade boliviana e paraguaia que se sentavam juntas para fazer as atividades. Dentre elas, havia a “criança A”, que falava somente um pouco de português e era mais reclusa do resto da sala, e a “criança B”, que tinha maior domínio da língua e maior socialização com a sala. Percebi que além desse movimento de se juntar e socializar, havia um auxílio entre as que entendiam mais sobre o conteúdo das aulas para as que entendiam menos, criando uma relação não só de amizade mas de dependência para o aprendizado, o que pode prejudicar na educação dessa criança migrante.

Figura 4 - Desenho de “criança B”



Fonte: registro da autora, 2023

Figura 5 - Desenho de “criança A”

Fonte: registro da autora, 2023

Como autora, durante a minha infância e a minha adolescência, estudei em diversas escolas com grande quantidade de matriculados migrantes amarelos ou filhos de migrantes. Dessa forma, sempre estive próxima de pessoas com fenótipos semelhantes a mim, criando um imaginário em que a população amarela no Brasil era muito maior do que realmente era. Na quarta série, quando estudava no bairro da Liberdade, me juntei com outras alunas amarelas da sala e criamos um grupo de amigas com ascendências e nacionalidades chinesas, coreana, japonesa e taiwanesas, como uma colônia dentro da sala de aula. As ações eram parecidas com o que foi observado no Espaço de Bitita: quando uma amiga tinha dificuldade em compreender e realizar as tarefas, era auxiliada pelas outras que tinham maior autonomia e entendimento da aula. Essas memórias foram fundamentais para compreender o modo em que os alunos migrantes e filhos de migrantes se organizam para obter êxito no sistema escolar atualmente.

4.2 ENTREVISTA COM TANIA SAYRI

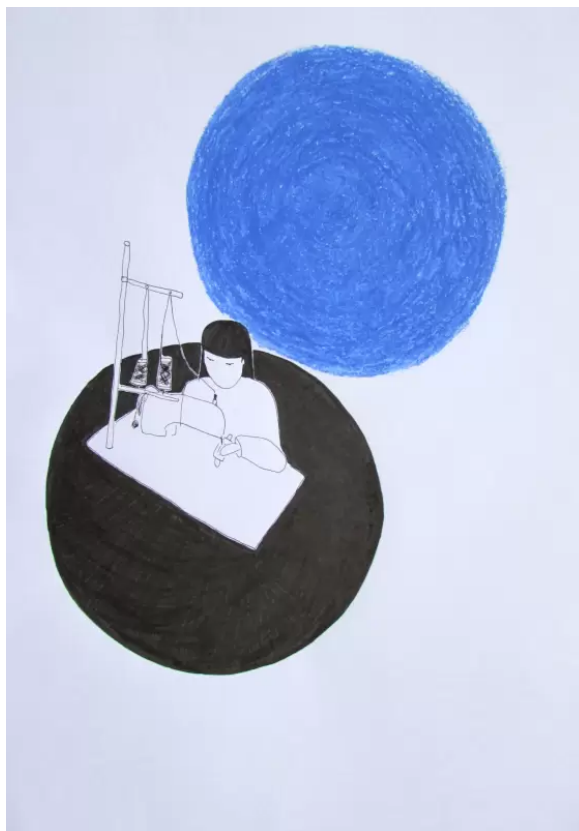
Figura 6 - Tania Sayri



Fonte: foto de perfil do LinkedIn da entrevistada, 2023

A pesquisa também se dispôs a realizar uma entrevista com a artista e arte educadora, Tania Sayri. Nascida na cidade de El Alto na Bolívia, Tania é indígena de origem aymara, migrante e discente do curso de bacharelado e licenciatura em Artes Visuais na UNICAMP. A sua pesquisa e poética se debruçam desde ao estudo da cor, da forma e do movimento nos elementos formais até às questões que permeiam sua identidade cultural e racial.

Figura 7 - "0,10 centavos", desenho de Tania Sayri que tem como tema a precarização da mão de obra imigrante no setor das confecções e do têxtil no Brasil.



Fonte: site do Museu da Imigração, 2022

A entrevistada parte de relatos sobre sua experiência como uma aluna migrante dentro do sistema de ensino público brasileiro, trazendo constatações atuais e reflexões, sob uma perspectiva artística e pedagógica, sobre o desenvolvimento escolar dessas crianças.

Pergunta - Que tal começarmos falando um pouco da sua história e experiência sendo uma aluna migrante na rede pública de ensino de São Paulo?

Tania Sayri - “A minha origem é humilde, tanto na Bolívia quanto no Brasil. Quando os meus pais migram para o Brasil, eles não sabiam falar a língua portuguesa, só falavam espanhol e aymara, que é a nossa língua originária. É bom enfatizar que meus pais sabiam o aymara, mas que no dia a dia não falavam, apenas algumas palavras em aymara estavam presentes nos diálogos cotidianos.

Eles ficaram um pouco aqui e depois veio eu e meu irmão morar com eles. Estudei na Bolívia até a minha terceira série, e depois, na quarta série, eu vim para a escola aqui no Brasil. Senti que a escola pública não tinha uma preparação para atender uma criança migrante. Eu ficava na sala de aula, não entendia o conteúdo e não conseguia me comunicar direito com a professora.”

Pergunta - Você acha que hoje em dia existem políticas públicas melhores que atendam essa população migrante nas escolas?

Tania Sayri - “Hoje em dia, sinto que tem políticas públicas para integrar esses imigrantes, como cursos de língua portuguesa, por exemplo. Mas, mesmo assim, eu acho que apesar de ter algumas políticas públicas, ainda tem uma falta de tempo dos próprios imigrantes para conseguir esse acesso. Na responsabilidade dos próprios pais de levar as crianças para esse lugar onde elas possam aprender o português. Às vezes os pais têm situações de trabalho que não conseguem ter essa flexibilidade, sabe? Outro exemplo é que muitas dessas oportunidades de educação estão localizadas no centro da cidade, já na periferia, bem menos. Então esses são pontos que acabam prejudicando a educação da criança.

Comparado a quando eu migrei, que foi entre 2006 e 2007, não tinham muitas políticas públicas em relação a isso. Então aprendi o português através do dia-a-dia, na marra, o que foi bem difícil. Eu fui aprendendo gradativamente, mas me lembro que por muito tempo eu não conseguia me expressar ou me comunicar, por medo de errar, sabe? Você está aprendendo uma língua e não quer falar errado porque o pessoal vai rir da sua cara.”

Pergunta - Isso te impedia de socializar com outras crianças?

Tania Sayri - “Sim, isso impedia bastante, porque eu lembro que nunca fui uma pessoa tímida. Acho que sou uma pessoa extrovertida quando eu quero ser, só que a falta do domínio da língua portuguesa para eu poder me expressar fez com que eu ficasse mais reclusa no ambiente.

Teve uma vez que uma professora me deu uma bronca porque eu estava rabiscando um livro. Eu não sabia que não era para rabiscar, eu era criança e ela tinha brigado comigo, mas eu não tinha entendido que não era pra fazer isso. Hoje em dia eu sei.

Acho que no ensino médio eu já tinha mais sociabilidade, sabe? Conseguia me expressar mais, mas, antes disso, teve um momento onde uma professora de artes foi bem xenofóbica comigo. Acho que isso me marcou bastante. Eu estava na sala de aula onde a turma estava bagunçando muito e ela estava estressadíssima. Acho que os professores de arte, de uma certa forma, acabam sendo sobrecarregados por conta de trabalhos e eventos culturais que acontecem na escola. Enfim, ela estava bem estressada e o pessoal estava bagunçando muito. Aí, eu peguei uma bolinha de papel, mas não ia tacar. Ela, na hora, olhou para mim e falou que eu era imigrante, era boliviana e que não podia fazer bagunça ali. Daí eu pensei que não poderia fazer esse tipo de coisa porque estava em outro país e esse país de alguma forma não era o meu. Como eu era imigrante, eu precisava ser mais regrada.”

Pergunta - Acompanhando um pouco do dia-a-dia de uma escola chamada Espaço de Bitita, da qual possui uma parcela significativa de matriculados migrantes, percebi que existe um movimento entre os alunos de se juntarem com pessoas de nacionalidades próximas na sala de aula. Esse foi o meu caso quando eu era criança, sendo filha de migrantes coreanos. Você também experienciou esse fenômeno?

Tania Sayri - “Eu lembro que na quarta série, a minha mãe trabalhava ali perto do Brás. E aí tinha uma escola onde eu estudei, que era a Escola Estadual Eduardo Prado, que inclusive recebia bastante alunos migrantes. Eu lembro que estudei uns três ou quatro meses por lá e tinha bastante boliviano ou filhos de bolivianos, sabe? Lembro que tinha uma certa empatia entre esses alunos. Quando eu tinha oito ou sete anos, tinha acabado de chegar e eles viram que eu não conseguia falar português ainda. A professora pedia para esses alunos traduzirem o conteúdo para mim, e aí, eles faziam a tradução, tanto para eu entender quanto para me comunicar. Isso era um jeito de integrar. Enfim, lembrei que eu tinha um grupo

assim também na sala de aula, de algumas meninas. Então era bom porque a gente tinha uma convivência onde umas nasceram aqui e outras não, e a gente se ajudava. Era legal.

Depois de uns quatro meses, eu fui morar na periferia, lá no Jardim Brasil, perto do Tucuruvi. Morei por um bom tempo naquele bairro e, naquela época, não tinham muitos imigrantes bolivianos. Então fui para uma nova escola onde tinham no máximo uns quatro bolivianos, dois deles estavam na minha sala. Um era menino e a gente não conversava muito, a outra era uma menina com quem eu até conversava um pouco, mas a gente foi se afastando com o decorrer do tempo e acabei ficando mais com as minhas amigas brasileiras. Mas eu acho que por conta da questão da língua, eu sofri bastante bullying, porque como essa escola não recebia muitos migrantes, o pessoal não entendia muito. Aí, eu ficava muito reclusa porque o pessoal ficava zoando, me chamando de imigrante, de boliviana, colocando como se fosse uma coisa pejorativa. Acho que é a ideia de um boliviano sob um estereótipo que a mídia sensacionalista traz. De menosprezar e de não ver a riqueza cultural, sabe? Porque eu acho que quando a mídia sensacionalista cria o imaginário sobre o boliviano, ela o vincula mais em relação ao trabalho, do trabalho precário, jornadas de mais de 8 horas e em lugares insalubres. Eles não abordam muito sobre quem são os donos que fazem com que as pessoas tenham a mão precarizada, sabe? Eles não se aprofundam sobre esses grandes empresários que se aproveitam da mão imigrante e a barateia. Isso cria um grande estereótipo, principalmente em São Paulo.”

Pergunta - Você acha que existe um despreparo das escolas em receber os alunos migrantes?

Tania Sayri - “bell hooks, em “Ensinando a Transgredir”, fala sobre como você precisa entender a realidade de cada aluno para conseguir trazer uma aula que seja interessante e eficaz, não somente uma aula dada e desengajada com quem está do outro lado da linha. Então, se existem alunos migrantes que não conseguem se comunicar ou entender o contexto da aula, acho que o professor precisa buscar uma forma de como direcionar esses alunos para se integrarem a aula, ou, como que a escola pode fazer isso em conjunto diante desta demanda? Acho que uma forma da

escola se mobilizar, é trazer um pouco da cultura dessas crianças para o contexto escolar. Algo através de uma ação pedagógica que fale um pouco da história da criança ou do seu país de origem. Tem um projeto onde eu trabalhei na parte de pesquisa, de uma professora de uma escola com bastante migrantes bolivianos (CARVALHO, Francione Oliveira, 2018). Ela fez uma atividade onde os alunos falavam um pouco da sua cultura e manifestavam seus conhecimentos. Isso pode criar um espaço de acolhimento para os migrantes e um espaço de aprendizado para os alunos brasileiros sobre a cultura do outro. Então, quando você está aprendendo mais sobre o outro, você já trabalha em um pensamento menos xenofóbico e aprende coisas que são importantes para a construção de uma sociedade, para a própria construção de um cidadão. Acho que essa troca cultural seria interessante.”

Pergunta - Como você mantém viva a sua relação com a Bolívia?

Tania Sayri - “Eu sei que o meu território ancestral é a Bolívia. Eu sei de onde eu venho, de onde o meu pai vem e a minha mãe vem. A minha história está lá também, muita, muita parte. Uma parte aqui, mas a maior parte está lá. Eu sei que apesar de algumas pessoas não conseguirem voltar para esse território ancestral com muita frequência, inclusive eu, é através do que a comunidade traz das culturas e tradições para outro lugar que a gente acaba tendo um pouco dessa experiência do território ancestral. É o caso da comunidade boliviana aqui em São Paulo, e isso é muito massa, porque apesar de estar perto, às vezes a gente não tem condições para ficar sempre indo e voltando para esse território. É através da organização dessas pessoas que a cultura se mantém viva em um outro lugar, criando novos territórios além do ancestral de origem.”

Pergunta - Você acredita que a população boliviana tem os mesmos direitos e acessos que a japonesa, italiana e alemã (grandes fluxos migratórios históricos de São Paulo)?

Tania Sayri - “Acho que no caso desses imigrantes (japoneses e europeus), eles estão em um lugar do migrante desejado, porque na história eles foram trazidos pelo estado. Quando eu digo que a nossa imigração não é desejada, é porque o

estado não quer a gente aqui. A gente observa isso, por exemplo, na existência de políticas públicas de recepção para essa população, na facilitação de compra de Terra, no acesso a educação de qualidade, coisas que fazem essas pessoas ascenderem socialmente mais rápido.

Quando eu vim para cá, a situação política da Bolívia naquela época era de instabilidade. De 2000 até 2005, era golpe atrás de golpe. Os meus pais migraram porque quando moravam na cidade, não tinha muita oferta de emprego. Então esse empobrecimento causou um grande fluxo migratório para outros países, principalmente para o Brasil. O que criou uma questão de vulnerabilidade social e de escassez de políticas públicas para receber essa população, sabe?”

Pergunta - Você hoje faz parte do coletivo artístico “Cholitas da Babilônia”, formado por indígenas andines imigrantes. Pode me falar um pouco dessa experiência?

Tania Sayri - “O Cholitas da Babilônia surge justamente dessa necessidade de achar outras mulheres que estão em algum lugar do fazer artístico, trabalhando temas como identidade e ancestralidade. O grupo começou a se encontrar a partir de um projeto artístico de poética, ancestralidade e mediação da artista Carolina Velasquez (artista filha de migrantes bolivianos baseada em São Paulo), uma das fundadoras do coletivo que hoje não faz mais parte. Desde então, a gente se encontra para conversar sobre ancestralidade e trocar experiências. A princípio, não era sobre mulheres indígenas de origem andina, tinha pessoas de outras raças, etnias e gêneros, inclusive, na composição atual temos um integrante do gênero masculino.

Foi através dessas reuniões que criamos uma conexão, uma intimidade. Compartilhamos de várias vivências, pensamentos e interesses parecidos. Tínhamos muita conexão mesmo, e por isso decidimos criar o Cholitas da Babilônia. Chegamos a fazer uma performance na Bienal, vestidas de Chola com alguns detalhes tradicionais e outros contemporâneos, individuais. Acho que a forma em que a gente se expressou ali, era um jeito de mostrar que a gente está se reconstruindo, mas, ao mesmo tempo, valorizando a nossa identidade ancestral.

Figura 8 - Intervenção artística "YO ESTOY AQUI" do coletivo "Cholitas da Babilônia" na 34ª Bienal de São Paulo



Fonte: Felipe Lopes, 2022

O que é importante nas Cholitas da Babilônia é que, a gente quanto migrantes indígenas, podemos exercer a nossa identidade em qualquer lugar, sabe? A gente pode ainda manter nossas vestimentas, mesmo no espaço das artes, um espaço elitizado e branco, podemos estar ocupando esse lugar com a nossa identidade e cultura.”

Pergunta - Digamos que você voltou para o passado, e se encontrou com uma Tania de 10 anos, recém migrada, sem conhecimento da língua portuguesa e da cultura do Brasil. Quais atividades de arte você pensaria para si mesma?

Tania Sayri - “Acho que teria sido bom ter trabalhado o meu imaginário sobre a pessoa indígena cedo na formação escolar. Muitos bolivianos se enxergam como pardos, ao invés de indígenas. Isso é um sintoma do racismo estrutural, que apaga a ancestralidade dessa população e cria uma desconexão com sua origem.

O dia dos povos indígenas pode ser um ótimo momento para falar sobre diversos povos originários da América do sul. Até pensar em desconstruir a ideia de que existem povos originários somente nesse continente. Ampliar a visão desse conceito trazendo povos da Europa, África e Ásia, por exemplo. Porque reforçar um estereótipo do indígena acaba contribuindo com nada para o aprendizado dessas crianças. Existe esse lugar do educador de poder ver que um aluno é indígena, mas ainda não se enxerga dessa forma. É um momento onde é necessário saber não impor uma identidade nessa criança, pois isso pode ser um ato violento e traumático para ela. É ideal que o educador observe de forma delicada e cautelosa esse processo de entendimento identitário da criança.

No contexto da imigração, acho que seria legal falar um pouco sobre o porquê da gente migrar, ou mostrar um pouco da cultura das crianças, né? Trabalhar a interculturalidade, e até fazer uma atividade artística que envolva elementos das culturas dessas crianças.

Visitar os museus considero importante, principalmente o Museu da Imigração, na Mooca. Lá tem a exposição permanente mas também tem exposições temporárias onde muitas vezes tem como foco os fluxos migratórios mais recentes. Inclusive, o museu organiza eventos que promovem a cultura dessas populações, como festas, shows e danças típicas. Esse tipo de evento é possível ver esporadicamente em outras instituições culturais também, como o Memorial da América Latina e as unidades do Sesc.

Ensinar sobre regiões de São Paulo que possuem concentração de cultura condizente às origens dessas crianças. Como a Rua Coimbra para os bolivianos e o Bom Retiro, no geral, para migrantes de diversas nacionalidades, por exemplo. Às vezes a família não sabe sobre isso, e pode ajudar no senso de acolhimento e pertencimento dessas pessoas.”

Pergunta - Para finalizar, você acha importante as crianças migrantes terem contato com a cultura do país de origem da sua família?

Tania Sayri - “É um pouco da sua cultura, né? Na sua bagagem, tem um pouco dessa herança cultural e, como pessoa imigrante, é necessário também cultivar um pouco da sua cultura, suas tradições, apesar de estar em outro território. É um ato afetivo de memória também, saber sobre suas origens.

É dessa forma que construímos nossos territórios além das fronteiras do território ancestral. Estava lendo um texto da socióloga e artista visual Gladys Tzul Tzul, em que ela pensa um pouco sobre isso, em relação aos povos originários (TZUL, [s.d.]). Ela fala que: “A mudança de liderança, a assembleia deliberativa e o trabalho comunitário constituem e fazem parte fundamentalmente da arquitetura comunitária indígena. Estas bases conseguiram se relançar para além de seus territórios e, acima de tudo, fora de seus países, especialmente nos Estados Unidos, para onde centenas de comunidades indígenas tiveram que se mudar. Atualmente, quando falamos sobre comunidades indígenas, não estamos mais nos referindo apenas às comunidades nos territórios ancestrais, mas também referimo-nos às comunidades indígenas que se estabeleceram nos Estados Unidos.”

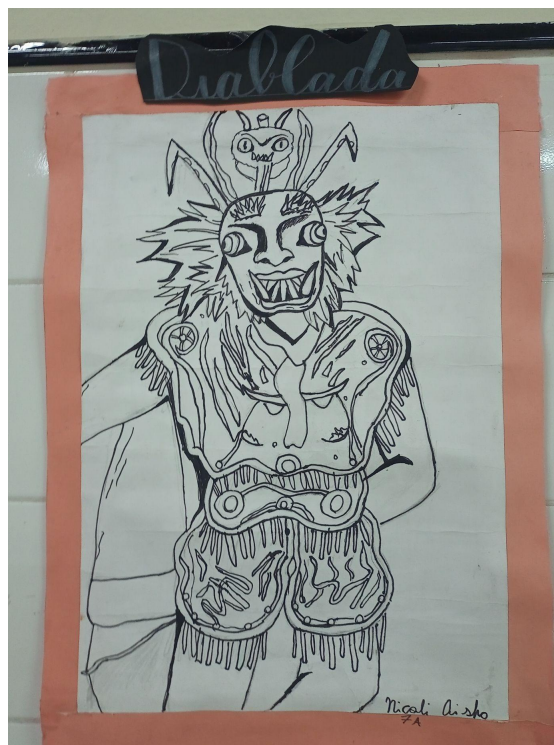
5 DISSIPAR AS FRONTEIRAS

5.1 PRÁTICAS ARTÍSTICAS PARA CRIANÇAS MIGRANTES

Apesar da escassez de políticas públicas voltadas para o acesso à educação dessas populações, as escolas que recebem crianças migrantes se esforçam, de maneira autônoma, para se preparar da melhor forma possível e acolhê-las. Durante a pesquisa de campo realizada no Espaço de Bitita, pude observar a implementação de diversas estratégias de ensino e atividades específicas nas turmas, o que me proporcionou uma compreensão mais aprofundada do funcionamento do ambiente da sala de aula para esses alunos.

Uma das notáveis atividades artísticas conduzidas pela Prof^a Thais Mamprin durante a pesquisa consistiu em explorar como tema de desenho as danças típicas originárias das diversas nacionalidades e ancestralidades dos estudantes do 7º ano A. Esta iniciativa envolveu a representação de danças tradicionais bolivianas como o caporales e a diablada, o kuduro (gênero musical de origem angolana), a capoeira e o hip hop. A proposta incluiu uma etapa de pesquisa individual de cada aluno para a construção de um repertório sobre essas danças, culminando na exposição dos desenhos nas paredes da sala de arte. Essa experiência resultou na formação de um imaginário mais rico sobre essas culturas por parte dos alunos, associado a uma noção de estética pessoal e criativa, o que facilitou a assimilação dos elementos de determinada cultura para crianças nativas.

Figura 9 - Desenho realizado durante a atividade de Arte.



Fonte: registro da autora, 2023

Figura 10 - Desenhos realizados durante a atividade de Arte.



Fonte: registro da autora, 2023

Outra atividade artística realizada em sala de aula, com o intuito de trazer elementos culturais mais familiares aos alunos migrantes, foi a criação e modelagem de bonecas "cholas" em argila. As "cholas" são representações históricas e culturais de mulheres originárias do território boliviano. Embora no passado o termo fosse pejorativo ao se referir a mulheres indígenas, ao longo do tempo e com o empoderamento conquistado por essas pessoas, a palavra foi ressignificada. Hoje, a "chola" se firmou como um ícone de resistência e uma referência importante na cultura boliviana, tornando-se um símbolo significativo a ser explorado com os alunos. Valorizar e colocar em destaque essa cultura fortalece a identidade e a ancestralidade das crianças de origem boliviana. Além disso, ao introduzir essas figuras no contexto de alunos de outras nacionalidades, cria-se um imaginário mais rico e preciso sobre a Bolívia e a herança boliviana.

Figura 11 - Bonecas de argila representando a figura da Chola.



Fonte: registro da autora, 2023

Figura 12 - Boneca de argila representando a figura da Chola.



Fonte: registro da autora, 2023

Figura 13 - Boneca de argila representando a figura da Chola.



Fonte: registro da autora, 2023

Apesar de ser significativo trabalhar com símbolos que estão dentro de um repertório cultural da criança migrante, é importante trabalhar com a oralidade das histórias e seus contextos. Como a artista e arte educadora, Tania Sayri, apontou na entrevista, a troca cultural entre os próprios alunos pode gerar diálogos interessantes. É necessário pensar em quem conta essas histórias. O educador raramente terá a mesma origem e cultura que o aluno migrante, portanto, é interessante pensar em aulas que tragam pessoas mais próximas do contexto dessa criança, para transmitir esse conhecimento, de forma que isso parta de um lugar da memória, da identidade e da ancestralidade pessoal. Assim, além de trazer pontos de vista mais íntimos com o conteúdo que está sendo aprendido, a ação educativa reforça o protagonismo da comunidade ao contar sua própria história.

Durante a minha pesquisa de campo no Espaço de Bitita, tive a oportunidade de conhecer uma criança iraniana de uma família de refugiados, da qual chamarei de Arash. Enquanto estive em contato com esse menino, ele tinha cerca de 8 anos, falava apenas persa e sabia escrever somente em untu, que é uma variação da escrita persa. Como Arash era um aluno novo, o contato com a língua portuguesa e a cultura do Brasil ainda era muito recente. Portanto, para conseguir transmitir o conteúdo da aula ou até mesmo conversar normalmente com o aluno era um desafio

complexo. A professora de artes traduzia as atividades através do aplicativo de tradução, Google Tradutor, de forma que ele se inteirasse pelo menos minimamente do que estava sendo ensinado e trabalhado na sala de aula. Quando eu o conheci, Arash não se engajava nas aulas e nas atividades, dissociava das dinâmicas em grupo e normalmente saía para brincar sozinho. Apesar disso, ele parecia ter uma amizade com um aluno boliviano, da qual chamarei neste texto de André, que também não sabia falar português fluentemente. A comunicação entre os dois era fascinante, pois era repleta de gestos, expressões, desenhos e olhares silenciosos, que eram ocasionalmente quebrados por pequenas risadas.

Certo dia a professora dispôs godês com tintas sobre as mesas para os alunos pintarem folhas secas encontradas no jardim da escola. As crianças estavam organizadas em grupos para dividirem os godês, e Arash e André estavam dividindo um entre eles. Um deles começou a misturar as tintas e o outro percebeu, o que resultou nos dois misturando as cores do godê, se entreolhando e rindo um do outro. Depois, pegaram as folhas, que serviriam como suporte para essas tintas, e as rasgaram em pedaços. A professora percebeu a situação e deu uma bronca nos dois pelo desperdício de materiais. Por um lado, acredito que como professora, deve ser frustrante presenciar esse tipo de desperdício diante da escassez de materiais na escola, mas por outro lado acredito que essa dinâmica possibilitou um diálogo não-verbal, afetivo e lúdico entre os dois amigos.

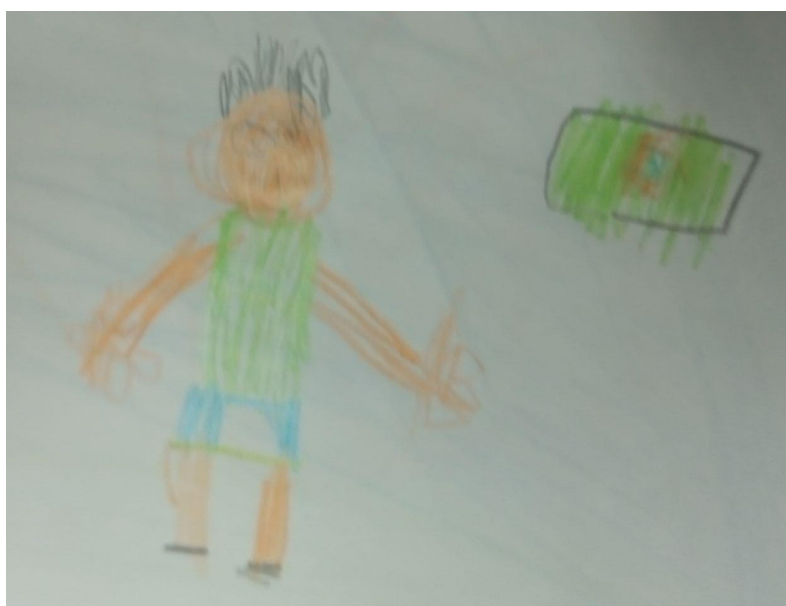
As formas não-verbais de comunicação podem ser recursos valiosos na hora de criar ações educativas e construir uma relação com essas crianças. Um exemplo é quando me aproximei enquanto Arash brincava com massinha e parecia criar pequenos pãezinhos. Tentei perguntar em português e inglês sobre o que estava fazendo, mas ele não pareceu entender. Então apontei para um dos pãezinhos e depois apontei para a boca. Ele acenou positivamente com a cabeça. Através de gestos e expressões, fiz um jogo lúdico com ele onde simulei que estava com fome e que queria comer um pãozinho. Arash sorriu e me deu um dos pãezinhos. Peguei e fingi que comi, fazendo um gesto com a cabeça de agradecimento.

Os gestos e as expressões faciais são modos de comunicação não-verbais que podem auxiliar no acesso ao diálogo com pessoas não falantes do mesmo

idioma que o nosso. Esses recursos, por mais que sejam práticos, não podem substituir o exercício da língua portuguesa para esses alunos e também não dão conta de resolver integralmente a questão do diálogo. É fundamental a exposição frequente da língua portuguesa no cotidiano desses estudantes, de forma que crie uma assimilação da língua aos elementos do mundo rotineiro. Tendo esse objetivo em mente na criação de práticas artísticas para crianças migrantes, e utilizando sabiamente os recursos não-verbais como apoio para acessibilizar as relações de afeto, é possível que a ação educativa chegue nessas crianças e que elas possam criar autonomia, através de sua formação, para virarem cidadãos conscientes e plenos.

Na seguinte imagem, uma criança se desenha como “brasileira”, utilizando as cores da bandeira sobre sua roupa e a própria ao lado. Após conversar com esse menino, foi possível observar que ele tinha plena consciência da origem de seus pais, da cultura de sua comunidade, e também de sua cultura brasileira e de seu território palpável. Esse pensamento deixa clara a multiculturalidade consciente em sua vivência e identidade de forma empoderada, o que deve ser almejado para a educação e a cultivação da auto-estima dessa juventude.

Figura 14 - Desenho de uma criança de 6 anos brasileira com pais bolivianos.



Fonte: registro da autora, 2023

5.2 RETALHOS E REMENDOS

Através das experiências de pesquisa em arte e educação, utilizando o método da A/R/Tografia para complementar esse texto, um transbordar da memória inundou o presente em reação a tudo que foi exposto e sentido durante o trabalho.

Lembro de brincar de pega-pega com meu irmão nos corredores da fábrica de roupas dos meus avós, me esconder entre as araras de cabides nos pique-escondes e desenhar nas folhas de rascunho do escritório. Quando minha avó me ensinou a costurar, passei a levar diversos retalhos de tecido para casa, com o intuito de criar roupas customizadas para as minhas bonecas na época.

Entrelaçando o passado e o presente, o individual e o compartilhado, fui ao bairro do Bom Retiro, região conhecida por sua vasta população migrante de diversas nacionalidades, para coletar retalhos de tecido que são descartados diariamente pelas fábricas de confecção de roupa da região. Recolhi tecidos, de diversos tipos, cores e estampas, rejeitados em grandes sacos de plásticos nas calçadas.

A partir desse material, costurei pequenos “hanboks”, vestidos coreanos tradicionais, fazendo uma relação ao que foi descartado, deixado para trás, com essa cultura ancestral que abdiquei durante o crescimento, em função da cultura hegemônica. É através do ato de juntar um retalho com o outro que se amplia a capacidade desse material, assim como o conhecimento.

Figura 15 - “Hanbok I”, obra artística produzida durante a pesquisa de TCC.



Fonte: registro da autora, 2023

A afetividade desse trabalho surge a partir da relação com o outro, com as histórias, as derivas, os trajetos, os diálogos e a memória, como se uma linha passasse por cada ponto, interligando os contextos e virando uma coisa só.

Educar é como costurar. Expandir o conhecimento de um indivíduo é como ampliar uma colcha de retalhos, criando novos significados. Os pequenos vestidos produzidos a partir de vestígios, criam uma relação de preciosidade ao corriqueiro e também fazem referência a essa colcha, pois aumenta somente quando cria novas conexões com novos planos.

Figura 16 - “Hanbok II”, obra artística produzida durante a pesquisa de TCC.



Fonte: registro da autora, 2023

6 CONCLUSÃO

A migração é um fenômeno que permeia a história da humanidade, moldando sociedades e culturas de forma profunda e complexa. No contexto brasileiro, a crescente presença de migrantes e suas famílias têm deixado mais aparente a falta de reconhecimento da importância em compreender e atender às necessidades específicas dos estudantes migrantes, para promover uma educação equitativa e inclusiva.

A inserção de crianças de famílias migrantes no sistema educacional não é apenas uma questão de acesso, mas também de garantir ambientes acolhedores e inclusivos para essas populações de modo que desenvolvam autonomia para viver no novo país. Estratégias pedagógicas sensíveis à pluralidade de experiências dos estudantes migrantes são essenciais para promover uma aprendizagem eficaz e significativa. É importante frisar que tais práticas não criam uma carência no aprendizado de pessoas nativas transferindo o foco de atenção às crianças migrantes, mas sim agregam para ambos os lados, enriquecendo o saber de cada aluno com a diversidade de culturas presentes ao redor, independente de sua origem.

A legislação brasileira estabelece o direito de acesso à educação para crianças migrantes, no entanto, ainda há desafios a serem superados, especialmente no que diz respeito ao ensino da língua portuguesa. Iniciativas e legislações implementadas em níveis municipal, estadual e nacional têm feito diferença na realidade desses estudantes, mas ainda existe uma demanda por políticas que transformem os ambientes educacionais em espaços mais inclusivos e sensíveis à diversidade cultural e linguística.

A educação artística emerge como uma poderosa ferramenta no processo de desenvolvimento integral de crianças e adolescentes migrantes. Através das práticas artísticas, os estudantes têm a oportunidade de explorar sua criatividade, aprimorar a capacidade de comunicação e desenvolver habilidades cognitivas, sensoriais, motoras e emocionais. Além disso, a

educação artística pode promover a valorização da diversidade cultural e social, contribuindo para que os estudantes se sintam acolhidos e parte integrante da comunidade.

No entanto, é fundamental que a ação educativa não vise substituir a cultura e o conhecimento prévio do estudante migrante, mas sim complementar e somar. É necessário promover um diálogo autêntico entre migrantes e nativos, respeitando e valorizando as diferentes trajetórias de vida e experiências culturais.

Esta pesquisa enxerga no ato da costura e do remendo, conceitualmente, uma ação educativa de unir contextos, de forma que o artista, pesquisador ou educador age como uma agulha que mira e perfura os espaços, entrelaçando linhas de pensamentos e puxando o fio para formar um remendo entre os diferentes planos. Através da união, e não da substituição, desses espaços é que será possível criar uma colcha de retalhos extensa o suficiente para que todos possam entrar e compartilhar de seus conhecimentos.

REFERÊNCIAS

Arte migrante: 11 artistas e 11 obras em 2022 - Cholitas da Babilônia.

Disponível em:

<<https://museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-em-debate/arte-migrante-11-artistas-e-11-obras-em-2022-cholitas-da-babilonia>>.

CARVALHO, Francione Oliveira. **A cultura boliviana na escola e o “fazer especial” como ampliação e descolonização da experiência estética.**

PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, 8 nov. 2018.

CUNHA, Marinaldo de Almeida. **O problema do aluno imigrante: escola, cultura, inclusão.** In: EDUCERE: XII Congresso Nacional de Educação.

PUCPR 26 a 29/10/2015. ISSN 2176-1396, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20781_10323.pdf Acesso em 24 de fevereiro de 2019.

DIAS, B.; IRWIN, R. L. **Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia.** [s.l.] Editora UFSM, 2023.

ESCUDERO, C. **Os imigrantes e a cidade de São Paulo: modos de interação e sociabilidade.** REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, v. 30, n. 64, p. 191–208, abr. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio De Janerio ; São Paulo: Paz E Terra, 2019.

FREIRE, Sandra Ferraz de Castillo Dourado. **Concepções dinâmicas de si de crianças em escolarização: uma perspectiva dialógico desenvolvimental.** Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, 2008

Google Maps. Disponível em:
<<https://www.google.com.br/maps/@-23.5312329>>. Acesso em: 22 dez. 2023.

IBGE | Biblioteca | Detalhes | Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. Disponível em:
<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=249781>>.

Infâncias e Migração Regional em São Paulo – Infâncias Migrantes em São Paulo. Disponível em:
<<https://educacaoeterritorio.org.br/especiais/infancias-migrantes-em-sao-paulo/infancias-e-migracao-regional-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 6 nov. 2023.

KIM, NICOLE HINA. derivas. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=9oVNvL53vYI>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

LinkedIn - Tania Sayri. Disponível em:
<<https://br.linkedin.com/in/tania-sahire-1173901a1>>.

MACEDO, M. M. K. A. (In)visibilidade do Outro: Reflexões sobre Refúgio e Migração. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 42, 2022.

Migração, saúde e pandemia: reflexões acerca do atendimento de saúde às pessoas migrantes. Disponível em:
<<https://museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-em-debate/migracao-saude-e-pandemia-reflexoes-acerca-do-atendimento-de-saude-as-pessoas-migrantes>>.

MOURA, Inês. Entre Portugal e São Paulo: Um percurso artístico em construção. São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, D. A. O imigrante na política educacional brasileira: um sujeito ausente. Práxis Educativa, v. 15, p. 1–15, 2020.

PADILHA, P.; CARVALHO. **III Seminário Nacional de Sociologia -Distopias dos Extremos: Sociologias Necessárias 08 a 16 de Outubro de 2020 -Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe ARTE IMIGRANTE: inclusão, identidades e sobrevivência 1.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13889/2/Artelmigrante.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2023.

PAULO, S. M. DE E. DE S. **Povos Migrantes.** Disponível em: <<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/nucleo-de-educacao-etnico-racial/povos-migrantes/>>.

PEDAGÓGICAS, O. POVOS MIGRANTES. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/08/Currículo-da-Cidade-Povos-Migrantes-WEB.pdf>>.

Portal de Imigração - Página inicial. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMigra_2022/RELAT%C3%93RIO_ANUAL/Relat%C3%B3rio_Anual_2022_-_Vers%C3%A3o_completa_01.pdf>.

TZUL, G. **LA FORMA COMUNAL DE LA RESISTENCIA.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.revistadelauniversidad.mx/download/ab2b7948-fc14-4db0-9930-34962cc66312>>. Acesso em: 7 nov. 2023.